

Educação em tempos neoliberais: uma análise micropolítica do ensino médio em Vitória, ES.

Izabella Oliveira Perim – 8º período de Psicologia

Uma série de mudanças sócio-históricas se operou nas últimas décadas e transformou radicalmente os modos de organização dos Estados nacionais, os processos de produção e de subjetivação. No plano econômico-político, emergiram as formas de organização neoliberais.

A pesquisa, Educação em tempos neoliberais: uma análise micropolítica do ensino médio em Vitória, ES, pretendeu mapear as conexões feitas entre educação e neoliberalismo e averiguar, mais especificamente, que novas configurações assume o ensino médio perante o mundo atual. Como o Neoliberalismo influencia nas formas de ser e estar nas escolas, na convivência interna, na forma como os conteúdos são passados? Buscamos em nossas análises perceber no cotidiano escolar evidências de perpetuação do modelo competitivo, assim como as formas de ser e estar que se diferenciam.

Inserimo-nos em duas escolas: uma do ensino público estadual e outra do ensino privado, ambas localizadas em Vitória/ES. Tratou-se de uma pesquisa de caráter etnográfico, na qual procuramos observar a organização da escola, a interação entre os sujeitos envolvidos no processo de escolarização, a divisão do espaço físico. Realizamos entrevistas semi-estruturadas junto a alunos, professores e todos aqueles que participam do contexto escolar. Estivemos presentes nas atividades internas da escola, como reuniões e recreios, assim como nos mantivemos atentos ao que murais e informes divulgavam. Levantamos também os dados dos alunos contidos nas fichas de matrícula e estudamos materiais bibliográficos, documentos escolares, leis e reportagens.

Na análise dos documentos das escolas, tanto a pública quanto a particular, notamos uma incongruência referente à questão da formação. Fala-se de uma formação ampla, integral do sujeito, porém as práticas cotidianas atualizadas nas instituições se encarregam de contradizer o conteúdo dos documentos. Aparecem as exigências de hiperformação e de formação permanente, transformando o ensino médio em processo preparatório para a competição do vestibular e para a competição do mercado, o que deixa entrever a radicalização do individualismo e o “controle pela velocidade”, exercidos em tempos neoliberais. Na escola pública, o discurso de pobreza, falta de presença dos pais e formação insuficiente no ensino fundamental pretende justificar o “insucesso” dos alunos. Ao mesmo tempo em que se requer uma participação mais ativa desses pais, as práticas da instituição afastam a comunidade em geral do ambiente escolar, na medida em que ocorre uma crescente privatização desse espaço dito público. Ao mesmo tempo, produzem-se movimentos que buscam outros caminhos, que apontam para uma gestão efetivamente coletiva da escola, na qual os conteúdos e os espaços escolar es se articulem com demandas concretas das comunidades. Ao invés de seletivo, propedêutico e voltado para a competição do vestibular, a escola do ensino médio pode constituir-se em local de construção e participação democrática.

Com duração de dois anos, a pesquisa fora apresentada em inúmeros congressos tais como a 53ª e 54ª SBPC, sendo também premiada na XII Jornada de Iniciação Científica. Contou com a participação de dois bolsistas PIBIC/CNPq: Luiz Gustavo Silva Souza e Rafael Pylro; assim como quatro pesquisadores voluntários: Ana Paula Sthel Caiado, Christianny Maria Brambila, Claudia Patrocínio Pedrosa, Izabella Oliveira Perim, tendo como orientadora a professora Doutora Lilian Rose Margotto.

O Jornal PET é o Jornal do Curso de Psicologia e o boletim informativo do Grupo PET Psicologia - UFES e é uma publicação mensal. Seus objetivos são: **a)** promover uma ampla integração em nosso curso, incluindo os estudantes, professores e profissionais de Psicologia, o Centro Acadêmico e o próprio PET, divulgando informações de interesse geral, **b)** proporcionar a todos um espaço de livre expressão e **c)** divulgar as atividades realizadas pelo Grupo PET Psicologia, seus propósitos e objetivos. *(Os artigos assinados são de responsabilidade dos seus autores)*

Expediente: Grupo PET Psicologia - UFES

Contato: tel. 3335 2721

Patrocínio: Centro de Ciências Humanas e Naturais

Impressão: Gráfica da UFES



Jornal do Curso de Psicologia - UFES

Boletim informativo do Grupo PET Psicologia – UFES, publicação mensal

Aos que se interessam pelo outro

Sônia Pinto de Oliveira

Professora do Departamento de Psicologia

Em 1960, observa-se uma explosão PSI em território brasileiro, especialmente em duas grandes metrópoles – Rio de Janeiro e São Paulo.

Como, duas afirmativas (extremamente potentes a meu ver) fazem parte de minha caixa de ferramentas para viver, a saber (nada é natural) e a liberdade (poder questionar as formas pelas quais somos constituídos), me pego a viajar por esse cenário (outra vez) e me deparo com o período mais tenebroso da ditadura militar e com os movimentos de singularização que a desestabilizou.

Lembro-me de tantos aliados..... de Cecília Coimbra em particular... de seu emocionante trabalho em Guardiães da Ordem..... Vou até ele.

Cecília, analisando os processos de subjetivação no Brasil, no final das décadas dos anos 60-70 e 80, explicita que o o conhecimento de si mesmo, (o debruçar-se sobre a interioridade do eu) amplia os modos de vida, isso em duas palavras, quando a realidade social, o domínio público são esvaziados e desprovidos de sentido, o único sentido esta no privado. Os fenômenos sociais são transformados em questão de personalidade, intimidade.

O intimismo esta ligado a uma cultura psi onde tudo é reduzido ao psíquico, a uma interioridade – à tirania da intimidade – nas palavras de Lennett. Lembro-me das palavras de Luiz (intimizar a vida quer dizer coloca-la para dentro, destrui-la das historias das praticas humanas, esvaziando suas multiplicidades de formas e conexões... tomando a vida privada uma conquista individual à margem da historia).

Não foram poucos ou insignificantes os movimentos de resistência nesse período, dentre eles, aquele que apostou em outras praticas psi que não dicotomizem individual, social, desejo, política, interior, exterior, mais do que sonhando, produzindo, forjando outras possibilidades.

Continuando a viagem por 2002 me deparo com a intensa comoção popular traduzida pela alegria contagiante, pela força e brilho no corpo de milhões de brasileiros que nos permite tratar o episódio Lula Presidente como um acontecimento.

O sentido de acontecimento aqui é o de ruptura que, como tal, interrompe uma sucessão de fatos como que escapando da historia. Todo acontecimento é datado, localizado, mas a fratura que ele produz pode irradiar-se, pois funciona especialmente por conexão, por contágio. Ninguém é autor exclusivo do acontecimento, entendendo, então, que as relações nesse plano são publicas.

De certo, publico tem muitos sentidos, mas, aqui, tomamos aquele em especial que lhe define como o que é possível de ser irradiado, compartilhado, tocado e modificado pelo outro (outro, como outra pessoa, outra idéia, outro movimento, outras capacidades de afetar e ser afetado...).

Diria ainda que Lula –Presidente pode ser tomado como um acontecimento- analisador porque fez confluir uma serie de pensamentos(movimentos de criticas às formas instituídas de ser, de viver, de organizar-se, de gerir a vida) colocou em analise modos de viver.

Democracia, participação coletiva e efetiva, solidariedade conseguiram passagem, ganharam contornos nítidos, o que quer dizer que já estavam circulando nos conjuntos sociais. A potência – do – publico habita os interstícios.

Ainda vale a pena apostar..... e vale mais do que nunca.

Ainda vale a pena lutar e vale mais do que nunca.

Ainda vale a pena ter mais alegria, solidarizar-se.... e vale mais do que nunca.

Ainda vale a pena continuar a reinventar praticas psi capazes de apreender os novos movimentos da subjetividade sempre coletiva, criando novos espaços de liberdade.... e vale mais do que nunca.

Isso não é um texto é um convite para uma aliança. Aliança no sentido de um pacto..... com a ponta da desterritorialização.

Fala aí!

O que pensamos e esperamos?

Gabriela Vieira
Luppi e Izabella Oliveira Perim

O que pensam e esperam do curso de Psicologia as pessoas que ingressam na faculdade? Que fatores nos levaram a optar pelo ingresso na UFES? São perguntas simples, mas que nos trouxeram inquietações, talvez por estarmos agora dando boas vindas a mais uma turma, ou então por termos nos despedido de pessoas muito legais que acabaram de se formar... Fato é que propusemos para o Fala aí! uma espécie de enquete: perguntamos aos alunos do primeiro período o que esperavam do curso e porque escolheram a UFES, já aos alunos do nono e décimo períodos, perguntamos o que achavam do curso explicitando seus pontos fortes e fracos. Interessante as peculiaridades: fomos ao primeiro período, apresentamos as questões e poucos sentiram-se à vontade para expressarem suas opiniões. Não exigimos que se identificassem, apenas que escrevessem de forma sucinta o que achavam, mesmo assim, mostraram-se tímidos, ainda pouco à vontade. Já com os alunos do nono e décimo, a dificuldade não era que falassem, estavam todos muito solícitos a nos informarem suas opiniões, a questão era encontrá-los...

Dificuldades à parte, acreditamos ser bastante interessante ouvirmos o que esses alunos têm a falar. Separando calouros e formandos existem muito mais do que cinco longos anos de curso, existem uma série de experiências, vivências, construções e desconstruções que são experimentadas durante a trajetória de um aluno de Psicologia.

Trata-se de dois extremos: indivíduos recém chegados, ainda em adaptação, conhecendo o que a Universidade tem para oferecer e descobrindo os problemas enfrentados; e os finalistas, que em sua maioria realizaram sua formação aprendendo não só na sala de aula o que é ser um psicólogo, mas também nas lutas pela manutenção e melhorias de um curso que muito tem a construir.

Sobre o curso de psicologia:

“Como pontos positivos destaco a existência de diversos projetos de extensão, o olhar crítico sobre a realidade e sobre a prática profissional que o curso geralmente oferece. Já os negativos, destaco a pouca diversidade de disciplinas, número excessivo de professores substitutos e a falta de democracia na seleção dos projetos de extensão”.

(Marcos Macedo da Silva - 10º Período)

“É um curso que tem oferecido muito pouco para os futuros profissionais dessa área. Possui um quadro efetivo de professores de boa qualidade mas sem recursos suficientes para exercerem suas funções de forma adequada”.

(Nildson A. Cabral - 10º Período)

“Espero um melhor entendimento e compreensão do comportamento humano dentro da sociedade. O curso gera expectativas em torno de pesquisas que ajudem no crescimento de uma sociedade desenvolvida e emocionalmente inteligente”.

(1º período)

“O curso oferece aos estudantes a possibilidade de crescimento profissional ao nos permitir viver e experimentar práticas (estágios, projetos e pesquisas) que nos diferenciam e nos preparam para vida profissional, embora necessite ainda de muitas reformas estruturais e curriculares”.

(Fernanda Zimmer - 9º Período)

“Sabemos da existência de um curriculum defasado e ultrapassado, da falta de professores... Por outro lado, temos ainda no quadro de professores profissionais que fazem a diferença, assim como alunos que fazem do curso um diferencial na universidade”

(Elizabete - 10º Período)

“Busco no curso de Psicologia um melhoramento interior, como pessoa, uma vez que o ramo da Psicologia é muito amplo, dando ao indivíduo uma gama de conhecimentos que possibilitam um crescimento enorme”.

(Giovana Carla Boni, 1º período)

O curso nos leva a um autoconhecimento e a sermos mais críticos; mas é um curso ‘pesado’, onde as diferentes linhas de pensamento não se entendem”

(Roberta Steffornya - 10º Período)

“Há muitos professores substitutos não comprometidos, mas isso é um problema da universidade pública como um todo e não isoladamente do curso de Psicologia. Como positivo, vejo um curso que transforma a pessoa e a faz refletir sobre muitas questões”

(Aluna do 9º Período)

“Suas relações com outros cursos, travadas no ambiente de pesquisa, de teoria e de participação de alunos e professores em eventos acadêmicos, mostraram-se fomentadoras de uma visão democrática e generalista”.

(Jacir Silvio Sanson Jr - 10º Período)

“Esse curso me possibilitará ter um contato com vários temas e estudos de interesse pessoal e com isso possa ajudar aos outros a viver e trabalhar melhor na sociedade e assim também poder compreender porque eu sou o que sou e o que posso vir a ser de acordo com o que ocorreu e influenciou nas minhas experiências pessoais”.

(Magno Wesley Buscaro 1º período)

“Pontos positivos: a diversidade de experiências, o contato com várias abordagens teóricas, diferentes práticas e discursos. Pontos negativos: a dificuldade que o curso enfrenta enquanto efeito das dificuldades da universidade pública como um todo”

(Juliana Bressanelli - 10º Período)

“Eu me interesso pelos motivos que levam uma pessoa a agir de uma certa forma em um determinado momento e também o porquê que está por detrás de cada gesto ou ato, saber como o entendimento do único pode influenciar na compreensão do todo (sociedade)”.

(1º período)

(continua na próxima página)

Caligrafia

Reflexões sobre a morada de um louco

Aqui não há cidades.
Elas não se adaptariam aqui.
Por vezes este lugar parece-me sombrio,
quase sempre é belo.
Belo como um cemitério
no dia 3 de novembro,
após todo o reverenciamento
daqueles que ainda sentem
o tormento da morte.

Pelo caminho existem luzes,
mas como acontece em todo lugar,
há um ponto aonde as luzes não chegam.
E lá, inevitavelmente, forma-se um submundo,
o refúgio dos que não escutam ou
fingem não escutar.

Por aqui também há tiranos
e há homens bons.
Há ainda, gente feia e gente bonita,
gente estranha e gente aflita.

Nós aqui não temos casas,
nem ninhos.
Temos moradas onde existimos,
dormimos e brincamos...

Apesar de não parecer,
nós vivemos em paz.
Não temos líderes.
Não temos ídolos.
Cultuamos a luz solar
e o cair da noite.
A beleza crepuscular
e a orgia do açoite.

Nosso deus é a luz,
e nosso demônio: a falta dela.

Não nos sentimos estranhos aqui.
(diferente de vocês aí!)
Estamos quase sempre de bem com tudo.
Porém, não se iluda, aqui não é o paraíso,
pelo menos não deveria ser.
Aqui é apenas o nosso abrigo,
Orientado pelo único juízo que é
nascer, viver; crescer, viver;
viver a morte e só então deixar de viver...
...A morte não é o fim da vida,
é apenas a própria vida
vista com outros olhos.

Márcio Bertaso - 5º período Psicologia

Mural Impresso

XIX Encontro Goiano
da Abordagem
Gestáltica

De 15 a 18 de maio de
2003
Local: Goiânia, GO.
Informações:
iftg@nelgo.com.br
Site: www.
gestaltterapia.com.br

Curso Avançado em Terapia
Comportamental Cognitiva
De 07 de março a 13 de outubro de 2003
Local: Campinas, SP.
Informações: (19) 3234 0288,
stresscenter@uol.com.br
Site: www.estresse.com.br

III Congresso Latino-Americano de
Psicologia Janguiana

De 30 de abril a 03 de maio de 2003
Local: Salvador, BA.
Informações: www.jung2003.com.br

33º Anual Meeting: Play and Development
Data: 5 a 7 de junho de 2003
Informações: www.piaget.org
Contato: ocliaute@gc.cuny.edu

VI Congresso Nacional de Psicologia
Escolar e Educacional

Data: 11 a 14 de abril de 2003
Local: Faculdade Ruy Barbosa, Salvador
Assunto – Educar, mudar e desenvolver:
perspectivas da psicologia escolar/
educacional

I Simpósio Saúde e
Trabalho: Negociações
Cotidianas

Data: 25 e 26 de fevereiro de
2003
Local: Auditório do IC II -
UFES
Informações:
saudetrabalho@hotmail.com

III Congresso Norte-Nordeste de
Psicologia

Data: 27 a 31 de maio de 2003
Local: Fundação Espaço Cultural,
João Pessoa – PB
Assunto – Construindo a Psicologia
Brasileira: desafios da ciência e
prática psicológica
Informações: www.conpsi.psc.br

levantamento: Gabriela Luppi e
Liana Gama do Vale, 8º p.